



CMC

Conjuntura e Mercados
Consultoria

2019

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA



4º TRIMESTRE
Outubro - Dezembro

Apresentação	3
---------------------	----------

Editorial	4
------------------	----------

Macroeconomia	5
----------------------	----------

Setorial	7
-----------------	----------

Regional	9
-----------------	----------

Valuation	11
------------------	-----------



Apresentação



O **Boletim de Conjuntura Econômica** é uma publicação da Conjuntura e Mercados Consultoria (CMC) que apresenta uma análise conjuntural do último trimestre nas áreas de Macroeconomia, Setorial, Regional e Valuation. Sob diferentes enfoques, o material traz uma análise diferenciada do atual quadro econômico do país, utilizando-se de dados coletados ao longo do último trimestre.

Busca-se oferecer à sociedade elementos que contribuam para um maior entendimento do quadro conjuntural da economia, a partir de uma linguagem simples e acessível a qualquer cidadão. Desse modo, o principal objetivo do **Boletim de Conjuntura Econômica** é trazer um panorama completo da economia brasileira, a fim de contribuir para o conhecimento público.

O **Boletim de Conjuntura Econômica** pertence ao projeto de extensão Conjuntura e Mercados Consultoria (CMC) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A reprodução do conteúdo publicado neste informativo é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte **Boletim de Conjuntura Econômica CMC** e a devida data de publicação.

Expediente

Boletim de Conjuntura Econômica Conjuntura e Mercados Consultoria

Ano II | Número 12 | Julho – Setembro | Novembro de 2018

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Reitor

Prof. Dr. Marcus Vinícius David

Vice Reitora

Profa. Dra. Girlene Alves da Silva

Pró-Reitora de Extensão

Profa. Dra. Ana Livia de Souza Coimbra

Faculdade de Economia (UFJF)

Diretor

Prof. Cláudio Roberto Fóffano Vasconcelos

Chefe de Departamento

Prof. Alexandre Zanini

Conjuntura e Mercados Consultoria – CMC

Orientadora Geral

Fernanda Finotti Cordeiro Perobelli

Professores Orientadores

Fernanda Finotti Cordeiro Perobelli

Weslem Rodrigues Faria

Boletim Macroeconomia

Leonan Ferreira

Vinícius Viegas

Iven Batista

Boletim Setorial

Iris Barquette

Kamilla Menezes Avelar

Natália Haubrich

Paulo Roberto Betbeder Gonçalves

Rodrigo Souza

Boletim Regional

Almir Oliveira

Gustavo Luz

Leandro Venâncio Pereira

Rhawan Neves

Izak Carlos Silva

Boletim Valuation

Bruno Perry Barbosa

Alexandre Ribeiro

André Sobrinho

Felipe de Souza

Mario Lopes

Edição/Diagramação/Comunicação

Ariel Romualdo Pereira

Processos

Conjuntura e Mercados Consultoria

Proc. 23071.007553/2015-40

Economia nas Escolas

Proc. 23071.007554/2015-94

Grupo de Conjuntura Econômica

Proc. 23071.007557/2015-28

Endereço para correspondência:

Faculdade de Economia – Conjuntura e Mercados Consultoria (CMC)

Rua João Lourenço Kelmer, s/n, Campus Universitário, Bairro São Pedro, Juiz de Fora – MG. BRASIL. CEP 36036330

Telefone: (32) 2102-3552 / (32) 98487-4645

Email: cmc.ufjf@gmail.com

Blog: <https://cmcuufjfblog.wordpress.com/>

Foto da Capa:

Caique Cahon (Diretoria de Imagem Institucional/UFJF)

A ignorância financeira

*Por Rodrigo Miguel Pinto
CEO do Escritório de Investimentos FUTUREINVEST, credenciado BTG Pactual*

O mundo está mudando rapidamente. Com o acesso a informações e com o mercado financeiro não é diferente. Variadas opções de crédito (cheque especial, cartão de crédito, leasing, crédito direto ao consumidor, empréstimos consignados, etc.) estão cada vez mais acessíveis aos brasileiros. Mas será que as pessoas estão preparadas para lidar com isso? Será que o acesso ao crédito cada vez mais fácil está de fato melhorando a vida das pessoas? Este tema apresenta grande relevância e é, na maioria das vezes, deixado de lado nas discussões, apesar de os brasileiros terem suas vidas duramente afetadas pelas decisões de natureza financeira que tomam.

Sobre este comportamento, precisamos questionar o quão conscientes as pessoas estão dos riscos envolvidos e se efetivamente avaliaram a relação custo-benefício de suas decisões e as implicações financeiras delas sobre as suas vidas.

A grande e dura realidade é que nossa sociedade está aprisionada pela doutrinação que acontece a muitos anos por grandes corporações financeiras. A partir dela, acreditamos que a realização dos nossos sonhos materiais está alicerçada na contratação de financiamentos. O sonho da casa própria, do carro, da viagem, etc., são iscas perfeitas para levar todos a acreditar que sempre buscar o crédito bancário é o melhor caminho.

A atitude de tomar um financiamento é, para muitos brasileiros, o equivalente a um planejamento financeiro bem estruturado. Triste engano. Muitos acreditam cegamente que o carregamento de dívidas irá trazer um futuro melhor e nem se dão conta dos milhões (de fato trilhões) que estão perdendo. Pesquisas recentes mostram com muita clareza que boa parte da renda das pessoas mais pobres fica na mão dos bancos de varejo, os ofertantes tradicionais do crédito. O pagamento de juros dos financiamentos e dos inúmeros instrumentos de crédito disponíveis arrancam literalmente mais da metade da renda da nossa já sofrida população. Por outro lado, com um planejamento financeiro bem estruturado, as pessoas passam a ser receptoras desses juros altos, um efeito totalmente contrário ao da primeira opção.

A falta de uma consciência financeira impulsiona o consumo no presente, ao invés de levar o brasileiro a se planejar, investir e depois consumir. Na maioria das vezes este comportamento acaba direcionando ao endividamento descontrolado ou, ao menos, retirando de muitos a possibilidade uma vida mais confortável e digna.

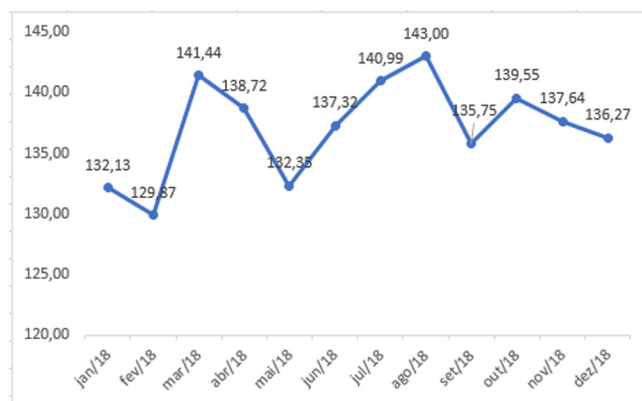
Outro ponto importante da atual situação é que os poucos poupadores que existem não sabem como começar a aplicar suas economias. Uma parcela muito pequena da população brasileira conhece as opções de investimentos que são oferecidos pelos bancos de investimentos especializados ou corretoras de valores. Essa pouca proximidade com o mercado financeiro fica clara quando observamos que muitos ainda acreditam que itens de consumo pessoal, como roupas e cosméticos, veículos, capitalizações ou consórcios são opções de “investimento”.

A ignorância financeira leva as pessoas a não temerem se endividar e a temerem investir. Um absurdo instalado no inconsciente de muitos que leva à destruição financeira dos menos informados em favor do lucro dos bancos de varejo.

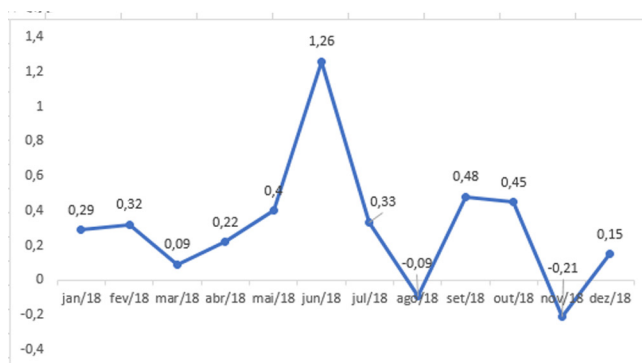
A boa notícia é que o acesso a produtos de investimentos cada vez mais sofisticados, seguros e rentáveis está muito maior e já é uma realidade para o pequeno poupador. Infelizmente, mais poucos percebem isso. Acabam por deixar as suas vidas sob a responsabilidade da regulação de um Estado que, na maioria das vezes é incompetente, endividado e incapaz de gerenciar seu futuro. E o pior: ainda veem como única saída para alcançar seus objetivos o amparo das instituições de crédito. Essas instituições claramente não têm nenhum compromisso e nem a intenção de melhorar a vida financeira de seus clientes. Levar os frágeis tomadores de crédito a buscar a felicidade no prazer fugaz do consumismo descontrolado é tudo que eles querem. Tudo isso é claramente a fórmula para uma vida mais difícil e com poucas perspectivas para os mais pobres e uma ciranda de ganhos grandiosos e permanentes para os bancos.

Precisamos da libertação financeira dos brasileiros em busca da prosperidade, e para isso só há um caminho: a educação! Buscar informação de qualidade, conversar com especialistas, realizar um planejamento mesmo que simples, além de uma pitada de disciplina, formam a receita certa para trazer mais dignidade e prosperidade para nossa vida e uma sociedade menos desigual e mais justa no futuro.

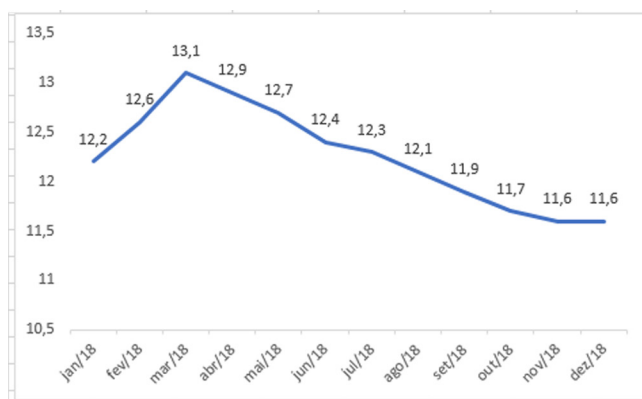
PIB – IBC-BR: PIB é a sigla para Produto Interno Bruto e representa a soma, em valores monetários, de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um determinado período. Outra taxa importante para a sociedade brasileira é o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-BR), indicador que foi criado para tentar antecipar o PIB, medindo a taxa de crescimento do período. No contexto atual, o PIB brasileiro bateu 1,1% em 2018, com um fraco desempenho no quarto trimestre. Tal fato não foi uma surpresa, já que anteriormente o IBC-BR apresentou uma alta mínima nos seus valores. A título de exemplo, a variação do IBC-BR de Setembro para Dezembro foi de apenas 0,38%; esse número refletiu no PIB, que seguiu o ritmo desacelerado e cresceu apenas 0,1% no último período de 2018. Embora o crescimento tenha sido pequeno, ele foi de extrema importância, porque representou a segunda alta anual consecutiva depois de dois anos de retração. Em valores correntes, o PIB correspondeu a 6,8 trilhões de reais, sendo o equivalente a R\$ 32.747/ano por habitante.



IPCA: No que tange à inflação, medida pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), os números acabaram apresentando uma queda em relação ao trimestre anterior. O destaque vai para novembro, que apresentou deflação de 0,21%, menor taxa desde junho de 2017 e menor taxa para esse mês desde a implementação do plano real em 1994. Nesse contexto de queda, a inflação acumulada do ano fechou em 3,75%, marca abaixo da previsão de 4,5% estipulada pelo governo no início do ano, porém acima da de 2017, que fechou em 2,95%. Segundo o IBGE, a inflação de 2018 foi pressionada principalmente pelos preços dos produtos e serviços de habitação, transportes e alimentos. Juntos, estes três grupos responderam por 66% do IPCA do ano. Para 2019, os economistas das instituições financeiras projetam um IPCA em 4,01%, segundo a pesquisa Focus. O centro da meta deste ano é de 4,25%, um pouco menor que em 2018. A meta terá sido cumprida se o IPCA ficar entre 2,75% a 5,75%.

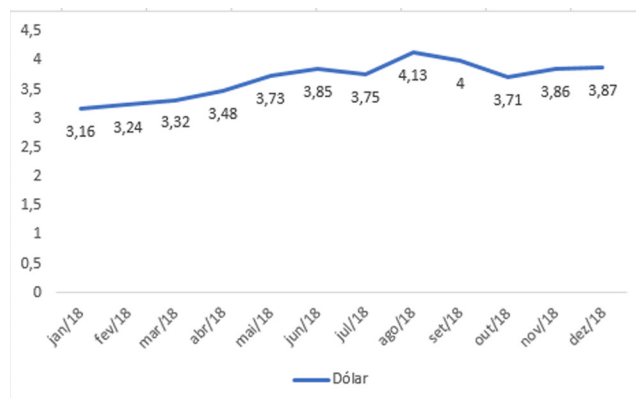


Taxa De Desocupação: É a taxa que mede o nível de desocupação (desemprego), numa relação de População Desocupada (PD) sobre a População Economicamente Ativa (PEA). O resultado para o 4º trimestre de 2018 mostrou-se otimista com relação ao restante do ano, fechando em 11,6% para os meses de novembro e dezembro, o menor resultado do ano, com a taxa anual fechando em 12,2%. O motivo para tal foi a recuperação da economia, saindo de um estado de recessão e recuperação gradual. Esta redução também é explicada devido à sazonalidade do período, com cerca 83 mil trabalhadores contratados

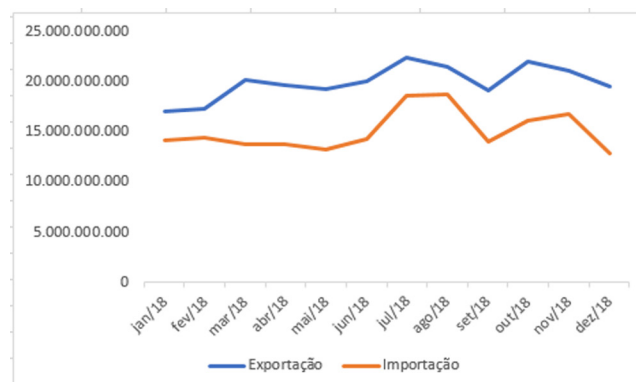


setor de comércio e informação, mais 167 mil nos setores de comunicação e atividade financeira.

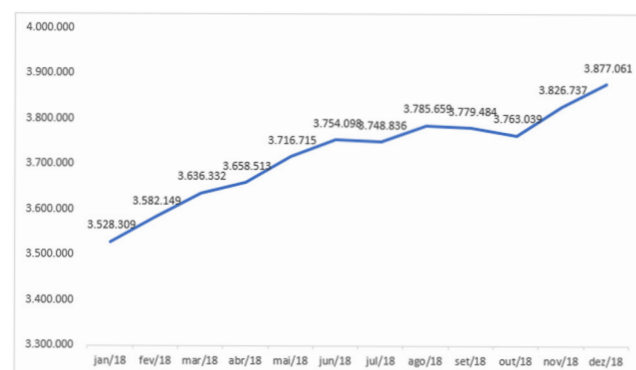
Câmbio/Dólar: Quando comparado ao final do trimestre anterior, o dólar se desvalorizou em 4,06%, passando de R\$4,03 em setembro para R\$3,87 ao final de dezembro. Esta desvalorização ocorreu em detrimento das eleições de outubro, que representaram uma amenização do momento político instável do país e encerraram uma sequência de grandes oscilações do dólar. Embora tenha ocorrido uma desvalorização importante no período, a moeda norte-americana fechou o ano de 2018 com uma valorização total de 16,94% frente ao real. Dentre os fatores responsáveis por esta valorização, os principais são de origem externa, como a política monetária agressiva por parte dos americanos, aumentando a taxa básica de juros visando evitar o avanço da inflação decorrente de uma economia aquecida. Este tipo de política faz com que os investidores movam seus recursos alocados em outros países em direção aos EUA, reduzindo a oferta da moeda no mercado internacional e promovendo sua valorização.



Balança Comercial: A Balança Comercial brasileira fechou o último mês de 2018 com um superávit de R\$6,639 bilhões, valor que, quando comparado ao mesmo mês de 2017, registra um avanço de 32,84% no saldo da balança. Já o acumulado no ano caminhou em direção contrária, mostrando uma redução de 12,44% no saldo, impulsionado por um aumento de 19,7% nas importações contra um aumento de apenas 9,3% nas exportações, passando de R\$66,990 bilhões no ano de 2017 para R\$58,659 bilhões em 2018. A expectativa é que para o ano de 2019 o saldo da balança continue em queda, mas mantendo um superávit alto, na casa dos R\$50 bilhões.



Dívida Pública: Esta expressão refere-se ao endividamento do governo federal através de emissão de títulos do Tesouro Nacional para cobrir o déficit orçamentário (despesas maiores que as receitas). No último trimestre de 2018, a dívida pública federal apresentou um leve aumento com relação ao 3º trimestre, fechando o ano no valor de R\$ 3,877 trilhões, um aumento de 8,9% quando comparado a 2017. Como explicação para tal resultado, tem-se o aumento de gastos do governo nos setores básicos da educação e saúde e, principalmente, o gasto com setor previdenciário. Dentre os maiores detentores da dívida, temos o destaque para os fundos de investimento e instituições financeiras, que fecharam o período compondo 26,9% e 22,7% da dívida, respectivamente.



Crédito:

Seguindo a tendência do terceiro trimestre de 2018, a taxa de juros média geral das linhas de crédito apresentou reduções. De acordo com dados da ANEFAC (Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade), no que tange ao crédito para pessoa física, em outubro, houve uma redução de 0,72% no mês, em relação a setembro. Já em novembro, a redução foi de 0,15% em contraponto a outubro. Em dezembro, houve a maior redução em termos de relativos do trimestre, atingindo 0,88% a menos que no mês anterior. Com isso, 2018 fechou o ano com a taxa de juros média para pessoa física de 6,79% ao mês (119,97% ao ano), sendo esta a menor desde abril 2015. (Gráfico 1)

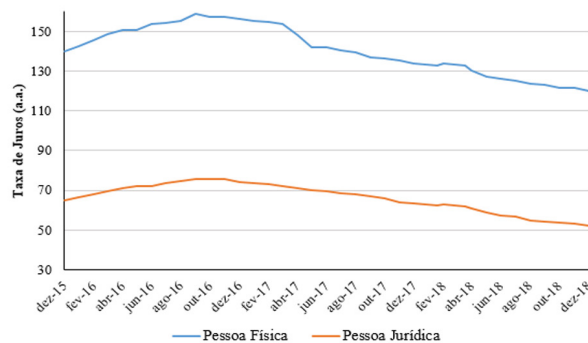
Energia:

Com a bandeira tarifária vermelha acionada para o mês de outubro, o custo de consumo foi de R\$ 5 a cada 100 kWh (quilowatts-hora). Apesar da queda do Preço de Liquidação de Diferenças (PLD), o cenário hidrológico foi desfavorável e não se vislumbrou melhora significativa do risco hidrológico (GSF). Em novembro, a bandeira tarifária passou a ser a amarela, o que representou uma redução na cobrança em relação aos cinco meses anteriores. O consumo de energia ao longo do último mês de 2018 no Sistema Interligado Nacional - SIN alcançou 63.165 MW médios, frente aos consumidos ao longo do ano de 2017. Dentre os ramos da indústria, incluindo dados de autoprodutores, varejistas, consumidores livres e especiais, os setores de bebidas (+8,4%), transporte (+8,2%), minerais não-metálicos (+7,1%) e de serviços (+5,6%) foram os segmentos com maior evolução no consumo. Por outro lado, os ramos de veículos (-6,4%), têxtil (-1,7%) e metalurgia e produtos de metal (-1,7%) apresentaram retração no consumo dentro do mesmo cenário sem migração.

Comércio Varejista:

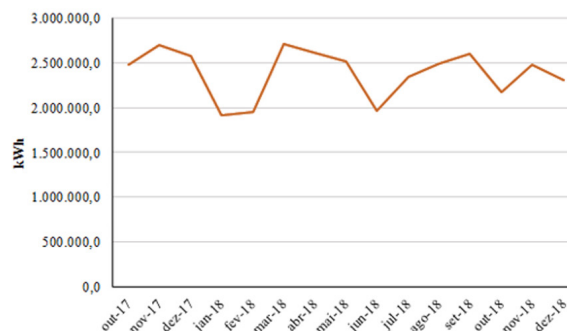
A média trimestral móvel do volume de vendas do comércio varejista, no quarto trimestre de 2018, ficou estável (0,0%). Porém, ainda na série livre de influências sazonais, a média do comércio varejista ampliado (que engloba as atividades: veículos, motos, partes e peças de material de construção – tabela 1) fechou em queda de 0,3%. Ainda sobre o volume do comércio varejista, na comparação de cada mês com o seu anterior, dezembro apresentou a maior queda do trimestre (-2,2%), descontando a recuperação de novembro (3,1%) após a leve queda de outubro (-0,4%). As atividades que apresentaram o maior recuo de volume de vendas em dezembro, frente a novembro, foram: outros artigos de uso pessoal e doméstico (-13,1%), móveis e eletrodomésticos (-5,1%) e tecidos, vestuários e calçados (-3,7%). Quanto à receita nominal do comércio varejista, os meses de outubro, novembro e dezembro variaram, respectivamente, 0,3%, 2,9%, -3,4% frente ao mês anterior. Já quanto à confiança do consumidor (ICC – FGV) e confiança do empresário industrial (ICEI – CNI), ambos terminaram o ano em alta e apresentaram aumentos de 0,6 ponto fechando com o patamar mais alto de 2018 (Gráfico 3).

Gráfico 1: Evolução da Taxa de Juros Pessoa Física e Jurídica (%a.a)



Fonte: Elaboração própria CMC - ANEFAC

Gráfico 2 – Consumo Mensal de Energia Elétrica



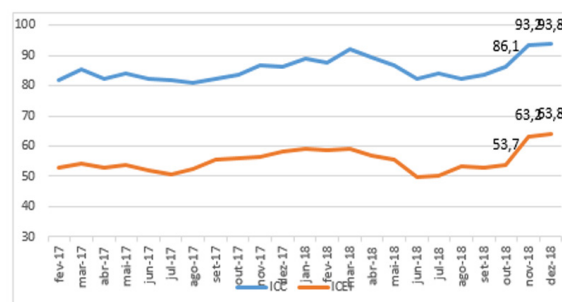
Fonte: Elaboração própria CMC - CCEE

Tabela 1: Volume Mensal do Comércio

Atividades	Mês/Mês anterior			Acumulado	
	OUT	NOV	DEZ	NO ANO (JAN-DEZ)	12 MESES (até DEZ)
Comércio varejista	-0,9	3,1	-2,2	2,3	2,3
1 - Combustíveis e lubrificantes	-0,6	0,6	1,4	-5,0	-5,0
2 - Hiper, supermercados, prods. alimentícios, bebidas e fumo	0,1	1,9	-0,3	3,8	3,8
3 - Tecidos, vest. e calçados	-2,1	1,7	-3,7	-1,6	-1,6
4 - Móveis e eletrodomésticos	-2,5	4,2	-5,1	-1,3	-1,3
5 - Artigos farmacêuticos, med., ortop. e de perfumaria	0,8	2,6	0,4	5,9	5,9
6 - Livros, jornais, rev. e papelaria	-20,9	3,4	5,7	-14,7	-14,7
7 - Equip. e mat. para escritório, informática e comunicação	-1,5	-0,4	-5,5	0,1	0,1
8 - Outros arts. de uso pessoal e doméstico	0,7	8,3	-13,1	7,6	7,6
Comércio varejista ampliado	-0,3	1,3	-1,7	5,0	5,0
9 - Veículos e motos, partes e peças	0,0	-2,4	-2,0	15,1	15,1
10 - Material de construção	1,1	-1,0	-0,4	3,5	3,5

Fonte: Elaboração própria CMC - PMC (IBGE)

Gráfico 3: Índice de Confiança do Consumidor e Índice de Confiança dos Empresários Industriais



Fonte: Elaboração própria CMC - PMC (IBGE)

Serviços

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em dezembro/2018, o setor de serviços registrou avanço de 0,2% na comparação com o mês anterior. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, houve queda de 0,2%. As expectativas em pesquisa da Reuters eram de recuos de 0,1% na comparação mensal e de 0,8% na base anual. No ano passado, o setor de serviços do Brasil apresentou recuo de 0,1% após quedas de 2,8% em 2017 e de 5% e 3,6%, respectivamente, em 2016 e 2015. As perdas acumuladas nesse período foram de 11,1%. As atividades que apresentaram perdas em 2018 foram as de serviços de informação e comunicação (-0,5%), diante da menor receita recebida pelas empresas do ramo de telecomunicações e as de serviços profissionais, administrativos e complementares (-1,9%). Em dezembro, por sua vez, apenas o ramo de serviços de informação e comunicação cresceu na comparação com o mês anterior (+0,2%).

Agronegócio:

A estimativa de dezembro de 2018 para a safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas totalizou 226,5 milhões de toneladas, 5,9% inferior à obtida em 2017 (240,6 milhões de toneladas), redução de 14,2 milhões de toneladas. No que tange à área colhida, 2018 obteve um decréscimo de 248,3 mil hectares, frente à área colhida em 2017. 87,1% dessa área é representada pela somada da colheita de arroz, milho e soja. Já a produção desses três produtos somou 93,1% do total da produção agrícola do ano de 2018. O maior produtor de grãos entre as Unidades da Federação foi Mato Grosso com participação de 26,9%, seguido do Paraná com 15,5% e Rio Grande do Sul com 14,6%.

Indústria:

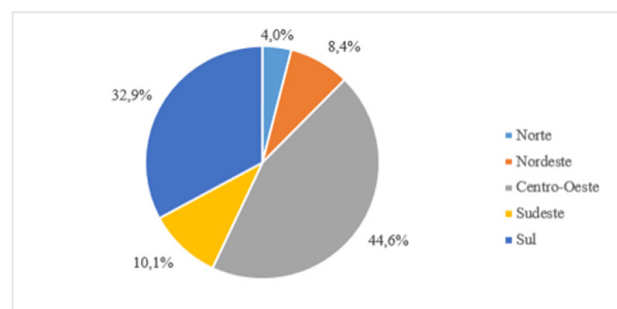
O empresário do setor industrial permanece confiante. É o que revela a alta de 0,6 ponto no ICEI (Índice de Confiança do Empresário Industrial – CNI) em comparação com outubro, passando a registrar 63,8 pontos em dezembro. Já a Utilização da Capacidade Instalada (UCI), em dezembro, aumentou 0,5 ponto percentual em relação ao mês anterior. O índice está 0,1 ponto abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior, mas a UCI média do ano 2018 foi 0,2 ponto superior à registrada no ano de 2017. Quanto ao Índice de Evolução do Nível de Estoques, houve recuo de 1,8 pontos em relação ao mês de novembro, ficando em 46,6 pontos. Já era esperado queda para o período devido às vendas de fim de ano, mas o valor ficou bem abaixo da linha divisória dos 50 pontos. O índice registrado para o mês de dezembro é o segundo menor valor já observado para o mês desde o início das pesquisas no ano de 2010.

Tabela 2: Volume Mensal dos Serviços (%):

Atividades	Mês/Mês anterior com ajuste sazonal			Acumulado	
	OUT	NOV	DEZ	NO ANO	12 MESES
Brasil	0,1	0,0	0,2	-0,2	-0,1
1 - Serviços prestados às famílias	-1,0	0,4	-0,1	-0,5	0,2
1.1 - Serviços de alojamento e alimentação	-1,0	0,4	0,7	0,2	0,9
1.2 - Outros serviços prestados às famílias	-0,9	-1,0	-2,3	-4,3	-3,6
2 - Serviços de informação e comunicação	0,5	0,5	0,2	-0,9	-0,5
2.1 - Serviços TIC	1,3	-0,4	-0,4	-0,5	0,1
2.11 - Telecomunicações	0,2	-0,4	-0,4	-2,9	0,1
2.12 - Serviços de tecnologia da informação	4,0	1,4	4,0	5,1	4,3
2.2 - Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-8,8	6,7	5,8	-3,9	-4,6
3 - Serviços profissionais, administrativos e complementares	-1,9	0	-1,5	-1,7	-1,9
3.1 - Serviços técnico-profissionais	-3	-4,1	0,3	0,1	-12,0
3.2 - Serviços administrativos e complementares	-0,2	0,3	-0,7	-2,3	-2,1
4 - Transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio	-0,2	0,3	-0,6	1,4	1,2
4.1 - Transporte terrestre	-0,4	-0,7	1,6	2,4	2,1
4.2 - Transporte aquaviário	0,2	-1,3	-1,2	-1,1	-0,8
4.3 - Transporte aéreo	-2,1	-3,9	1,0	4,3	4,2
4.4 - Armazenagem, serviços auxiliares dos transportes e correio	-1,4	1,7	-1,4	-0,6	-0,8
5 - Outros serviços	5,5	0,1	-0,2	1,6	1,9
6 - Atividades turísticas	--	--	--	--	--

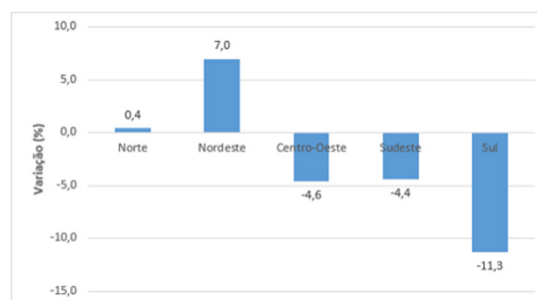
Fonte: Elaboração Própria CMC - PMS (IBGE)

Gráfico 4: Participação por região na produção de grãos em dezembro:



Fonte: Elaboração Própria CMC - LSPA (IBGE)

Gráfico 5: Variação por região na produção de grãos da atual safra em relação à safra anterior (%)



Fonte: Elaboração Própria CMC - LSPA (IBGE)

Gráfico 6: Evolução do nível de estoques de produtos finais (índice de difusão de 0 a 100)



Fonte: Elaboração própria CMC - CNI

Esta seção tem como objetivo avaliar o comportamento do saldo de movimentação de empregos (número de trabalhadores formais admitidos menos o número de trabalhadores formais desligados) no quarto trimestre de 2018 em Minas Gerais. As cinco maiores economias do estado, de acordo com o PIB 2015, são avaliadas individualmente devido à sua importância econômica relativa, são elas: Belo Horizonte, Uberlândia, Contagem, Betim e Juiz de Fora. Vale destacar que, para um maior detalhamento, o saldo de movimentação se encontra desagregado de acordo com a Classificação Nacional de Atividade Econômica 2.0 – Seção (CNAE 2.0 – Seção). Os dados aqui apresentados são referentes ao Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho.

A Figura 1 apresenta a descrição das seções de atividade econômica segundo a CNAE 2.0. Na Tabela 1 é possível observar o saldo de movimentação de empregos de Minas Gerais detalhado por seção de atividade econômica para o período de julho de 2018 a dezembro de 2018, isto é, os dois últimos trimestres do ano. A economia mineira encerrou 2018 com saldo de movimentação de empregos negativo na maior parte de suas atividades. Eletricidade e Gás (D), Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (G) e Informação e Comunicação (J) foram as que demonstraram saldo positivo, ou seja, terminaram o quarto trimestre de 2018 contratando mais do que demitindo.

O Gráfico 1 mostra o comportamento do saldo de movimentação de empregos em Belo Horizonte. É possível observar que, a partir do início do quarto trimestre (outubro de 2018), o saldo começa a seguir uma tendência de queda em relação ao trimestre anterior, o que representa uma desaceleração do mercado de trabalho formal. Construção (F) e Educação (P) foram algumas das atividades que contribuíram com esse movimento de queda nas contratações formais.

No Gráfico 2, referente ao saldo de movimentação de empregos em Uberlândia, também é possível notar uma tendência de queda a partir do início do quarto trimestre de 2018, o que resultou em um saldo negativo em dezembro de 2018. Destaque para as atividades de Construção (F), Transporte, Armazenagem e Correio (H) que contribuíram para a queda do saldo ao longo do trimestre.

O comportamento do saldo de movimentação de empregos em Contagem, representado no Gráfico 3, é marcado por uma queda na transição entre o terceiro e quarto trimestre de 2018. No entanto, ao final do ano (dezembro de 2018) é demonstrada uma recuperação, ou seja, o número de trabalhadores contratados aumentou em relação ao período anterior (novembro de 2018). As atividades de Comércio, Reparação de

Figura 1: Descrição das Seções de Atividade Econômica segundo CNAE 2.0

Seção	Descrição
A	AGRICULTURA, PECUÁRIA, PRODUÇÃO FLORESTAL, PESCA E AQUICULTURA
B	INDÚSTRIAS EXTRATIVAS
C	INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO
D	ELETRICIDADE E GÁS
E	ÁGUA, ESGOTO, ATIVIDADES DE GESTÃO DE RESÍDUOS E DESCONTAMINAÇÃO
F	CONSTRUÇÃO
G	COMÉRCIO, REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS
H	TRANSPORTE, ARMAZENAGEM E CORREIO
I	ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO
J	INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
K	ATIVIDADES FINANCEIRAS, DE SEGUROS E SERVIÇOS RELACIONADOS
L	ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS
M	ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS
N	ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E SERVIÇOS COMPLEMENTARES
O	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL
P	EDUCAÇÃO
Q	SAÚDE HUMANA E SERVIÇOS SOCIAIS
R	ARTES, CULTURA, ESPORTE E RECREAÇÃO
S	OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS
T	SERVIÇOS DOMÉSTICOS
U	ORGANISMOS INTERNACIONAIS E OUTRAS INSTITUIÇÕES EXTRATERRITORIAIS

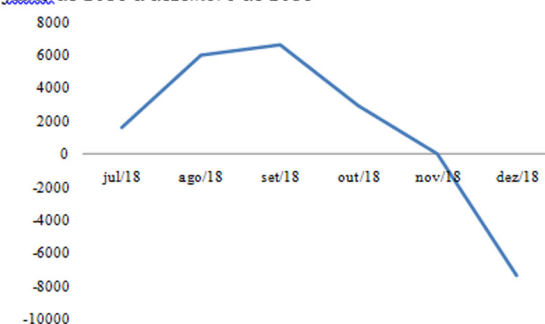
Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Tabela 1: Saldo de Movimentação de Empregos em Minas Gerais por seção de atividade econômica – julho de 2018 a dezembro de 2018

Seção	Saldo de Movimentação					
	jul/18	ago/18	set/18	out/18	nov/18	dez/18
A	2.595	-12.459	-13.387	-7.758	-3.690	-5.645
B	252	294	145	92	-31	-538
C	2.281	1.795	2.018	1.445	-1.435	-1.225
D	33	8	3	108	4	82
E	191	385	95	74	228	-497
F	4.359	2.637	3.752	2.362	-3.852	-8.593
G	415	999	2.821	4.046	7.586	3.122
H	620	1.140	-236	-133	339	-2.290
I	-369	646	731	435	66	-39
J	645	1.558	2.756	-2.671	-379	34
K	274	211	262	198	219	-192
L	38	53	-15	47	-134	-73
M	645	1.478	995	983	646	-659
N	3.862	1.760	3.436	2.21	-432	-1.081
O	-18	23	64	25	-269	-1.187
P	-6.621	2.716	849	114	124	-7.445
Q	723	705	577	3.267	894	-341
R	71	127	86	-112	93	-273
S	337	442	253	118	369	-875
T	-1	5	-3	-27	22	-11
U	0	7	-2	1	-1	-1

Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Gráfico 1: Saldo de Movimentação de Empregos em Belo Horizonte – julho de 2018 a dezembro de 2018



Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

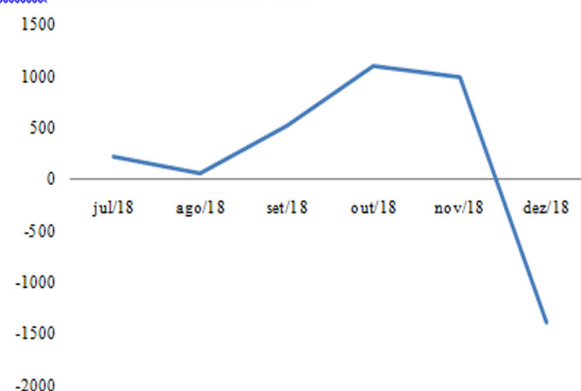
Veículos Automotores e Motocicletas (G), Alojamento e Alimentação (I) e Informação e Comunicação (J) foram as que apresentaram saldo positivo no fechamento do trimestre.

O Gráfico 4 apresenta a trajetória do saldo de movimentação de empregos em Betim. Após iniciar o quarto trimestre de 2018 com saldo negativo, os últimos dois meses do ano representaram uma melhora no mercado de trabalho formal da cidade, já que foram registrados saldos positivos, retornando a valores próximos ao do início do terceiro trimestre. Destaque para Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas (M) e Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (G) que contribuíram positivamente com o saldo final do quarto trimestre de 2018.

O mercado de trabalho formal de Juiz de Fora começou o quarto trimestre apresentando um saldo positivo que até então não tinha sido registrado no terceiro trimestre, como pode ser visto no Gráfico 5. No entanto, ao longo dos dois meses restantes o movimento foi de queda, o que significa perda de postos de trabalho. A Indústria de Transformação (C), Educação (P) e Atividades Administrativas e Serviços Complementares (N) foram algumas das que contribuíram para essa desaceleração.

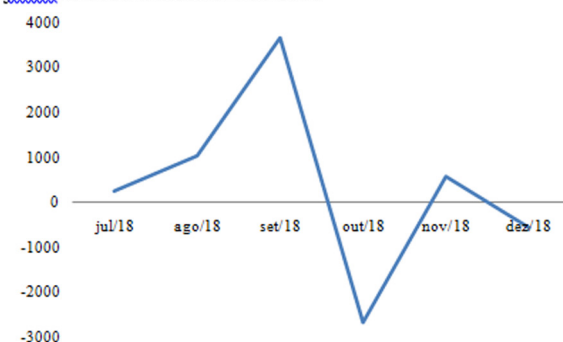
Vislumbrado o comportamento do mercado de trabalho formal de Minas Gerais como um todo e das suas cinco maiores economias, é possível observar que o quarto trimestre de 2018 representou um período de desaceleração se comparado com o trimestre anterior. Em termos de atividades, destaque para as atividades de serviços (Seção D a U) que demonstram importância relativa no que se refere ao comportamento ascendente ou decrescente do mercado de trabalho formal da economia mineira no curto prazo.

Gráfico 2: Saldo de Movimentação de Empregos em Uberlândia – julho de 2018 a dezembro de 2018



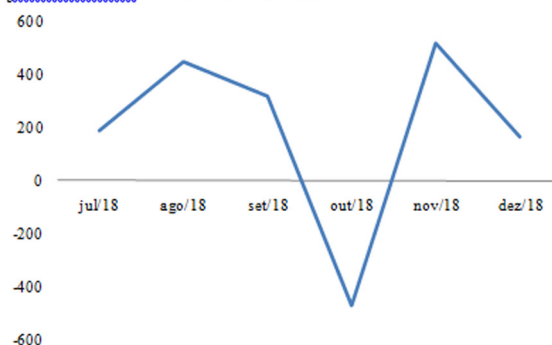
Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Gráfico 3: Saldo de Movimentação de Empregos em Contagem – julho de 2018 a dezembro de 2018



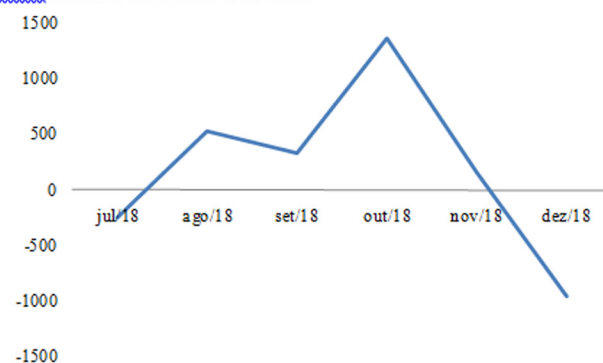
Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Gráfico 4: Saldo de Movimentação de Empregos em Betim – julho de 2018 a dezembro de 2018



Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Gráfico 5: Saldo de Movimentação de Empregos em Juiz de Fora – julho de 2018 a dezembro de 2018



Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Ibovespa e dólar:

O 4T18 foi marcado principalmente pelas eleições presidenciais, que trouxe otimismo para os investidores brasileiros. No período, o Ibovespa passou de 78.623,66 pontos para 87.887,26, representando uma alta de 11,78%. Frente a isso, o dólar apresentou uma pequena variação de -2,75%, terminando o ano a R\$ 3,91.

Além disso, 2018 terminou com o PIB em saldo positivo, com crescimento de 1,10%, além de crescimento de lucro das empresas de capital aberto de 25,70% no 3T18, totalizando R\$ 53,58 bilhões, segundo estudo realizado pela Economatica.

Small Caps:

Dentre as empresas que compõem o índice Small Caps, a Gol Linhas Aéreas (GOLL4) teve o melhor desempenho no quarto trimestre de 2018, atingindo uma valorização de 136,57%.

Entre os principais fatores, está a perspectiva de crescimento econômico para os próximos anos, o que impacta fortemente na demanda por voos aéreos.

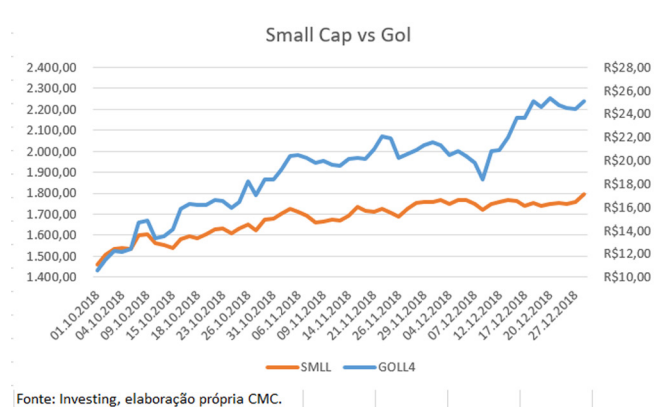
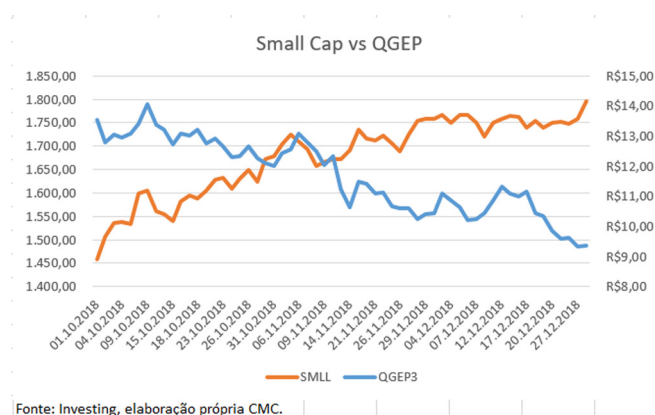
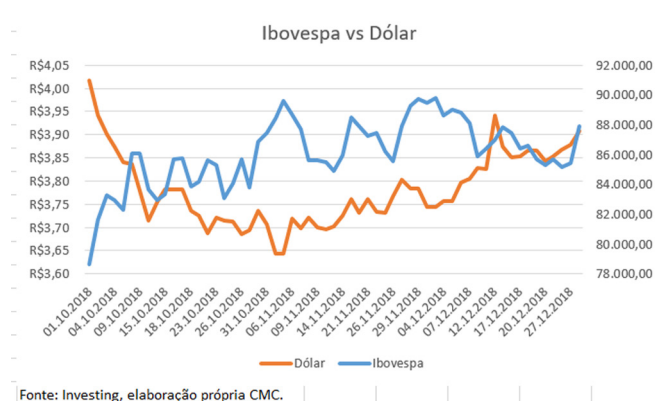
Além disso, grande parte dos seus custos é em dólar; assim, a queda de valor do dólar de R\$ 4,02 para R\$ 3,91 também beneficia a empresa, além da menor cotação do barril de petróleo, que impacta no custo com combustível.

Outro fator importante foi o anúncio da possível fusão com a Smiles (companhia de fidelidade que pertence a Gol), o que pode trazer uma melhora para o balanço da Gol.

Já a empresa que apresentou o pior desempenho foi a Queiroz Galvão Participações S.A. (QGEP3). A empresa obteve uma desvalorização de 30,99% no acumulado dos últimos três meses de 2018.

Muito pode ser explicado pela produção de petróleo no Campo de Atlanta estar abaixo do esperado pela empresa, devido a algumas bombas terem parado de funcionar logo no início da produção do campo.

Além disso, no 4T18, o preço do barril do petróleo Brent caiu de US\$ 84,98 para US\$ 52,20, uma queda de 38,57%.



Renda Fixa:

Com o otimismo no cenário macroeconômico, devido às eleições, os investidores passaram a enxergar um menor risco para os títulos brasileiros durante o 4T18, o que resultou em queda dos prêmios pagos.

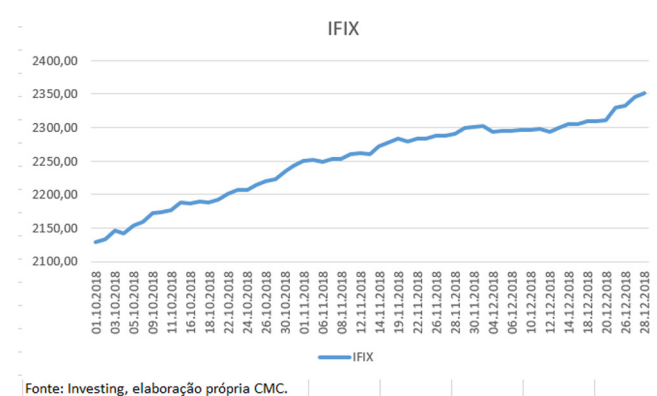
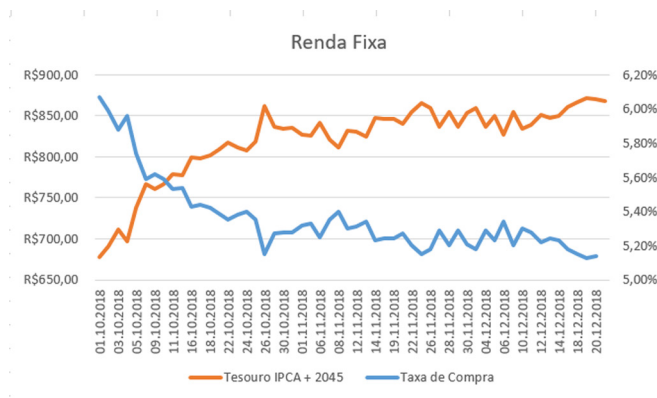
Nesse período, o título de renda fixa do Governo Brasileiro que remunera IPCA mais inflação caiu de 6,07% ao ano para 5,15%.

Além disso, a taxa de juros básica da economia se manteve estável em 6,50%, com a sinalização do Banco Central de ainda não haver pressão sobre os preços.

Fundos de Investimento Imobiliário: gráfico 2

Comparado com o trimestre anterior, em que houve uma volatilidade maior e ao final voltou ao nível do período inicial, este último trimestre apresentou uma clara tendência de alta com uma volatilidade mais estável. Iniciando o mês de outubro com 2128 pontos e ficando com 2352 ao final de dezembro, esse investimento apresentou uma alta de 10,49%.

Parte da explicação para esta tendência se deve às projeções de estabilidade e até queda da taxa de juros, acompanhada pelo aquecimento da economia para os próximos meses. Neste cenário, alguns fundos ligados à atividade comercial, como os de shoppings, podem se beneficiar um pouco mais que outros; já os fundos de papel associados ao risco do país também seguem uma tendência de estabilidade.



Fonte: Investing, elaboração própria CMC.

Uma publicação



CMC

Conjuntura e Mercados
Consultoria